

EU SEI QUE EU SOU BONITA E GOSTOSA: o Empoderamento de Mulheres Prostitutas como Prática Educativa no Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia da UEPA.

Izabel Cristina Borges Corrêa Oliveira¹
Camila Claíde Oliveira de Souza²
Lana Cláudia Macedo da Silva³
Victor Matheus Silva Maués⁴

RESUMO

Este artigo se propõe a descrever o estudo desenvolvido na disciplina Estágio Supervisionado em Instituições não Escolares e Ambientes Populares, que compõe o currículo do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade do Estado do Pará. O procedimento metodológico compreendeu a leitura e interpretação de referências bibliográficas, concernentes ao tema, documentos pedagógicos institucionais e por uma pesquisa exploratória junto a um grupo de mulheres prostitutas. O estudo envolveu 11 estagiárias do 7º semestre do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Pará e 12 prostitutas que trabalhavam ou trabalham na Área Central da capital paraense. Os resultados demonstraram que 97% das mulheres participaram efetivamente de todas as atividades propostas pelas discentes-estagiárias, demonstrando interesse e motivação pelo que era desenvolvido, do mesmo modo, 97% das participantes não só aceitaram as atividades apresentadas como se envolveram na sua divulgação para outras trabalhadoras sexuais. O projeto iniciou com 100% de mulheres prostitutas que não mais exerciam suas funções, porém, ao longo do seu desenvolvimento, alcançou mais do que o dobro de mulheres que atuam ativamente como prostitutas na Área Central de Belém, o que demonstra a importância que as ações desenvolvidas foram adquirindo gradativamente para aquelas mulheres. Por fim, como considerações, ressalta-se que a relação entre a universidade e espaços não formais pode possibilitar a construção de saberes que se transformam em práticas tão significativas, apesar de nem sempre serem consideradas. Faz-se necessário que o curso de Pedagogia e a Universidade como um todo enfatize a necessidade de concretamente buscar novos espaços de estágio, criando alternativas para que sejam visibilizados sujeitos (im)prováveis para o estudo científico.

Palavras-chave: Mulheres Prostitutas; Estágio Supervisionado; Empoderamento.

INTRODUÇÃO

O presente artigo descreve o estudo desenvolvido na disciplina Estágio Supervisionado em Instituições não Escolares e Ambientes Populares, que compõe o currículo do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade do Estado do Pará (UEPA),

¹ Professora Assistente da Universidade do Estado do Pará. Coordenadora Adjunta do Programa de Formação de Professores – PARFOR/UEPA. Mestra em Educação. E-mail: iza_tina@yahoo.com.br.

² Professora da Universidade do Estado do Pará. Mestra em Educação pela Universidade Federal do Pará. E-mail: camilaclaide@hotmail.com.

³ Professora Adjunta IV e Diretora de Ensino da Universidade do Estado do Pará. Doutora em Ciências Sociais. E-mail: lanacmacedos@gmail.com.

⁴ Professor da Faculdade Conhecimento e Ciência. Especialista em Gestão Educacional e Docência no Ensino Superior. E-mail: vitormaues17@hotmail.com

realizado no primeiro semestre do ano letivo de 2019, tendo como campo de atuação o Grupo de Prostitutas da Área Central de Belém (GEMPAC).

Pauta-se na concepção de que o processo formativo de professores no Ensino Superior envolve práticas educativas e estágios curriculares que visam constituir pedagogos com um arcabouço teórico e prático que viabilize a vivência em ambientes escolares e não escolares de maneira problematizadora e crítica, transformando diferentes realidades.

Nesta direção, o Estágio Supervisionado é compreendido numa perspectiva pedagógica crítica, reflexiva e, no caso do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da UEPA, propositivo, voltado para a pesquisa como princípio educativo. Envolve a relação entre um docente pedagogo e o discente estagiário de modo que permita a elaboração do conhecimento por meio de práticas construídas a partir de experiências únicas estimuladas principalmente pelo ato de pesquisar em contextos não usuais, como os de ambientes não formais e informais.

O estágio supervisionado desenvolvido objetivou aprimorar a relação teoria e prática e a formação profissional, por meio de ações interdisciplinares e das relações sociais presentes no cotidiano escolar e não escolar (UEPA, 2006). A dinâmica de desenvolvimento dos estágios consiste em conhecer e problematizar a realidade do contexto em foco, sendo que, em ambientes não formais assinala “um processo junto à aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos” (UEPA, 2006, p.45). A compreensão é a de que seja possível uma educação construída interativa e cotidianamente, de modo que se evidencie, além do aspecto pedagógico, uma formação política e sociocultural.

É nesta direção que este estudo foi desenvolvido com mulheres pertencentes ao Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central de Belém (GEMPAC), por meio da disciplina de Estágio Supervisionado em Instituições não Escolares e Ambientes Populares, do Curso de Pedagogia da UEPA, durante os meses de Abril e Junho do corrente ano. O estudo envolveu um grupo de 11 estagiárias do 7º semestre do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e 12 prostitutas que trabalham na Área Central da capital paraense.

O objetivo do estudo foi o de reconhecer o GEMPAC enquanto espaço de educação não formal e, enquanto tal, *locus* de possibilidades para a inserção de temáticas demandadas pelas pessoas que o compõe, articulando com as ações do estágio. A proposta se justificou apoiada na concepção de que o pedagogo deve atuar em campos diversos, compreendendo a diversidade da educação não formal.

Como forma de explicitar o estudo desenvolvido, a escolha de recorte para este artigo delimitou-se pela reflexão a respeito das temáticas escolhidas pelas mulheres prostitutas

durante as Rodas de Conversas realizadas pela docente-supervisora e as discentes-estagiárias com o GEMPAC, nomeadas de Empoderamento, Bem Estar e Cidadania, sendo balizada metodologicamente por referências bibliográficas concernentes ao tema, documentos pedagógicos institucionais e por uma pesquisa exploratória junto ao grupo de mulheres.

Para o objetivo deste artigo, o foco foram as seguintes questões: De que maneira o estágio supervisionado em Instituições não Escolares e Ambientes Populares da Universidade do Estado do Pará se desenvolve em um grupo de mulheres prostitutas? Que possibilidades podem ser criadas para que o estágio ocorra, considerando o contexto do GEMPAC?

METODOLOGIA

O curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará desenvolve a proposta de estágio supervisionado com ênfase na pesquisa e na interdisciplinaridade desde o ano de 2006. Pautado em uma construção coletiva do seu corpo docente, tem como destaque o desenvolvimento de quatro tipos de estágios obrigatórios: Estágio Supervisionado em Educação Infantil, Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental, Estágio Supervisionado em Gestão Educacional e Estágio Supervisionado em Instituições não Escolares e Ambientes Populares (UEPA, 2006).

Os objetivos traçados para as disciplinas de Estágio Supervisionado foram elaborados no sentido de vir a proporcionar oportunidades de “um maior aprofundamento teórico-prático do aluno do Curso de Pedagogia, bem como o de propiciar situações e experiências práticas que aprimorem sua formação e atuação profissional”. (UEPA, 2006, p.46). Tais objetivos, buscam enfatizar a importância do enfoque social sobre o processo formativo e sobre as relações entre cultura e educação, uma vez que a concepção de educação que se evidencia no Projeto Pedagógico de Curso é o de formar professores críticos e comprometidos com os contextos socioeducacionais nos quais se inserem.

No Estágio Supervisionado em Instituições não Escolares e Ambientes Populares, considerado como extensão da docência, o discente, durante o desenvolvimento do estágio, terá como atribuição primordial conhecer e interpretar a realidade educacional do seu campo de estágio e, conseqüentemente, realizar um estudo e avaliação desta experiência, (UEPA, 2006). No caso deste trabalho, o campo de estudo diz respeito ao Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central de Belém, (GEMPAC).

O GEMPAC se denomina uma organização sem fins lucrativos que se dedica em contribuir com a qualidade de vida de mulheres que trabalham como prostitutas no chamado quadrilátero do amor, localizado na área comercial mais tradicional de Belém, capital do

estado do Pará, apesar de nos últimos anos ter ampliado suas ações para outras áreas de prostituição da cidade, assim como se voltando para o apoio a todos os trabalhadores do sexo.

Desenvolve suas atividades por meio da mobilização, conscientização, articulação de ações políticas e sociais, incentivando a busca dos direitos civis, trabalhistas e sociais do seu público-alvo. Essas características foram fundamentais para sua escolha enquanto campo de estágio em Instituições não Escolares e Ambientes Populares para discentes do curso de Pedagogia da UEPA.

Desta forma, como procedimento metodológico deste estudo, desenvolveu-se, em primeiro plano, uma pesquisa bibliográfica e documental. A primeira referente ao estágio enquanto processo de formação e a segunda como se encontra estabelecido no Projeto Pedagógico de Curso (PPC), do Curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Por fim, procedeu-se a uma pesquisa exploratória, na qual foram desenvolvidos encontros, no formato de roda de conversa, além da aplicação de ações envolvendo temáticas apontadas pelas próprias mulheres envolvidas no estudo, a saber: empoderamento, bem estar e cidadania. A partir dessas temáticas, ocorreu a realização de um evento, intitulado **“Eu sei que eu sou bonita e gostosa”**, no qual as temáticas foram abordadas por meio de diversas atividades. O título faz alusão a uma música popular nos anos 1980 e referida em diversas falas das mulheres, que se identificavam com o teor da letra.

DESENVOLVIMENTO

O Estágio Supervisionado, segundo Santos, Machado e Albuquerque (2015, p.65), é um tempo crucial que envolve preparação e aprendizagem coletiva, sendo “a personificação da convivência com a diversidade”. As autoras ressaltam ainda que o estagiário precisa estar com uma postura de permanente escuta e propício a estabelecer relações com realidades diferentes da sua. Sendo assim, o estágio pode contribuir de forma especial para a construção do profissional da educação, a partir de práticas, saberes e relações cujo o diferencial seja a promoção de experiências em que a teoria e prática estejam articuladamente presentes.

Segundo Freire (1993), a partir de uma vivência fora do contexto educacional tradicional, faz-se necessário que o pesquisador tenha um conhecimento prévio do seu objeto de estudo:

Não se faz pesquisa, não se faz docência como não se faz extensão como se fossem práticas neutras. Preciso saber a favor de que e de quem, portanto contra que e contra quem pesquiso, ensino ou me envolvo em atividades mais além dos muros da Universidade. (p.113).

Nesta direção, diante das demandas exigidas nos processos de formação do pedagogo, é importante que o discente-estagiário esteja apto a atuar conhecendo diferentes ambientes, sejam eles espaços formais ou informais, para posteriormente exercer a profissão de uma forma compromissada e mais humanitária.

Atualmente as novas exigências da sociedade em transformação têm requerido demandas sócio-educacionais que ultrapassam o âmbito escolar. Essas novas exigências têm se incorporado em especial de forma desafiadora nos currículos dos cursos de formação de professores, pois são crescentes as intervenções e ações educativas em meios e organizações diferenciados do sistema educacional institucionalizado. Atrelado a isso está à busca pela educação permanente e ao longo da vida, as quais confirmam a necessidade de se discutir essa nova “modalidade” educacional, chamada educação não-formal ou não escolar. (MIRANDA, 2009, p.9).

As premissas apresentadas acima se tornam peculiarmente desafiadoras quando o contexto de estágio envolve sujeitos cercados de estigmas e estereótipos, como é o caso de prostitutas. A concepção de prostituição aqui presente está de acordo com a compreensão exposta por Piscitelli (2013) que a entende como um trabalho, constituindo-se, assim, enquanto uma atividade laboral, bem como com que expõe Silva e Peres (2016, p.204), que a caracterizam como “um movimento e/ou conjunto de forças culturais, econômicas, políticas, psicológicas e sociais que se entrecruzam em espaços e tempos determinados, tendo como finalidade principal a oferta de relações sexuais em troca de dinheiro”.

Vale ressaltar que as mulheres prostitutas que participaram do estudo expressaram sua vontade de serem nominadas como prostitutas ou putas, declarando que esses são os termos que melhor as representam e que evidenciam um sentido mais politizado e relacionado às lutas implementadas por prostitutas que são citadas como referências, que é o caso de Gabriela Leite e Lourdes Barreto.

A atuação dessas mulheres vem desde os anos de 1970. Contudo, o GEMPAC foi criado na década de 1990, por Lourdes Barreto, prostituta que sempre foi referência para as mulheres trabalhadoras do sexo que atuavam e atuam na Área Central do Comércio de Belém. Surgiu pela necessidade de superar preconceitos e a discriminação contra as trabalhadoras sexuais, bem como para lhes dar visibilidade enquanto cidadãs, fortalecimento e empoderamento de suas atividades. O grupo é membro e fundador da Rede Brasileira de Prostitutas (RBP), além de ser referência na Região Amazônica de ação e participação política.

Desenvolve suas atividades por meio de três linhas de atuação: **organização e saúde preventiva; combate à exploração; e geração de renda**. Entre as tarefas produzidas estão ações direcionadas à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, hepatites virais e

Aids, além da defesa dos direitos sexuais e dos direitos humanos. O GEMPAC cria assim uma força necessária que promove uma maior visibilidade às mulheres prostitutas.

Dentre muitos anos de luta, uma das principais conquistas nacionais, foi a implantação da/o profissional do sexo na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). No entanto, a luta continua para a regulamentação da profissão, alcançando assim o tão desejado reconhecimento como trabalhadoras/es.

Nesta perspectiva, é necessário compreender a importância da educação não formal para as trabalhadoras do sexo e sua contribuição sobre o empoderamento dessas mulheres.

[...] as práticas da educação não formal são passíveis de serem aplicadas a todos os grupos etários, de todas as classes sociais e em contextos socioculturais diversos [...] o trabalho com essa modalidade educativa não implica e nem exige, em princípio, uma diferenciação de classe. (SIMSON; PARK; FERNANDES, 2007, p. 23).

É viável, assim, pensar que o estágio supervisionado possa ocorrer em espaços não formais, tendo como foco mulheres prostitutas, desenvolvendo práticas que considerem não somente saberes já constituídos, mas novas possibilidades de construção e manifestações de diversos conhecimentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento nos anos 1990 e 2000 de políticas públicas voltadas para setores da sociedade discriminados de modo histórico sofreram consideráveis reveses nos últimos anos em decorrência, principalmente, de retrocessos no campo político. Contudo, a criação de espaços de resistências em esferas estratégicas como a educação tem sido uma via possível de manter e recriar alternativas para se vivenciar experiências significativas. A educação não formal caracteriza-se como uma possibilidade a ser melhor explorada no processo de formação de professores e pedagogos.

Durante o período de realização das rodas de conversas no GEMPAC foi possível perceber diversas características da educação não formal, evidenciando a viabilidade de que esse modo de fazer educação possa ali ocorrer. Os relatos livres, concernentes às histórias de vida, com experiências ricas em detalhes, sem nenhum plano a ser seguido, demonstraram a tendência para manifestações nos quais o destaque estava na evidência das protagonistas enquanto possuidoras de um conhecimento que, de modo formal, não encontra expressão em diversos contextos socioeducacionais.

O formato dialogal permitiu uma aproximação com o ambiente em que atuam as trabalhadoras do sexo, desmitificando inúmeras ideias pré concebidas que as discentes-estagiárias pudessem ter antes de iniciarem o estágio. Outro aspecto identificado se refere ao número de mulheres participantes das rodas de conversas, que aumentava a cada encontro. Estimado em 05 mulheres inicialmente, ampliou para 12 até o último dia das atividades desenvolvidas.

O estágio teve como momento principal o dia 30 de maio de 2019, quando foi realizado o evento intitulado “**Eu sei que eu sou bonita e gostosa**”, com a execução de atividades de cuidado e bem estar, tais como massagens, esmaltação de unhas, maquiagem, entre outras; de cidadania, contando com a presença de advogados, psicólogos e assistentes sociais, que promoveram esclarecimentos e orientações a respeito de direitos trabalhistas e aposentadoria, demandas frequentemente apresentadas pelas mulheres.

Na temática empoderamento foram produzidos 05 pequenos vídeos, no qual as mulheres trabalhadoras do sexo relatam suas vivências de forma a ressaltar o quanto são fortes, belas, capazes e poderosas por terem vivido e superado inúmeras situações na vida.

Para fins de análise, sobre os resultados alcançados ao final do estágio verifica-se: 97% das mulheres participaram efetivamente das atividades propostas pelas discentes-estagiárias, demonstrando interesse e motivação pelo que era desenvolvido, desconstruindo o estereótipo de que não se importam com atividades que não digam respeito ao seu trabalho. Do mesmo modo, 97% das participantes não só aceitaram as atividades apresentadas como se envolveram na sua divulgação para outras trabalhadoras sexuais que por trabalharem no horário do estágio, nem sempre conseguiam estar presente no GEMPAC. O projeto iniciou com 100% de mulheres prostitutas que não mais exerciam suas funções. Porém, ao longo de seu desenvolvimento alcançou mais do que o dobro de mulheres que atuam ativamente como prostitutas na Área Central de Belém, o que demonstra a importância que as ações desenvolvidas foram adquirindo gradativamente para aquelas mulheres. Por fim, 100% das mulheres participantes nas atividades que foram desenvolvidas pelas discentes-estagiárias, evidenciaram satisfação por meio não só de suas atuações efetivas no que foi proposto, como também por solicitarem que o projeto continuasse a ser desenvolvido no GEMPAC no próximo semestre e no mesmo formato.

Deste modo, durante o período de desenvolvimento do estágio foi possível perceber diversas características da educação não-formal implementadas de maneira significativa. Além disso, os relatos das trabalhadoras sexuais possibilitaram identificar a importância do empoderamento enquanto mulher e prostituta. Neste sentido, destaca-se a participação das

coordenadoras do GEMPAC para que o estágio e suas ações ocorressem de maneira efetiva.

No decorrer da trajetória de realização do estágio é válido ressaltar primeiramente a transformação que as próprias discentes-estagiárias tiveram, no sentido pessoal e profissional, o que colaborou para o estreitamento entre o campo e academia, entre a teoria e a prática. Proporcionou, assim, um aprendizado significativo e de parceria entre os sujeitos envolvidos.

Por fim, é possível afirmar que foram alcançados resultados extremamente positivos, tendo a metodologia de Rodas de Conversa como um diferencial para esse resultado, possibilitando uma experiência singular e humana, como demonstra a fala de Lourdes Barreto, fundadora do GEMPAC:

“Aí meus amores eu tô muito feliz de ter conhecido vocês, jovens interagindo de uma forma humilde e transparente, corajosas né? Isso pra mim me fortalece muito, porque eu vivi uma vida toda, coberta, vestida de preconceitos por ser mulher, nordestina e puta. O que eu aprendi na vida foi na zona e eu percebi que dentro dessa relação humana nós as trabalhadoras sexuais, prostitutas, mulher da vida, do jeito que queiram chamar a gente, porque tem tanto apelido [risos] a gente tinha um valor imenso, então ficavam rindo da gente sem a gente poder falar. Então eu fiquei emocionada porque, eu cresço num movimento pra justamente fazer com que a academia chegasse próximo a nós, sou uma referência, matriarca do movimento, vocês fizeram um esforço imenso, humildemente usaram a sabedoria de vocês, o coração de vocês, a essência de vocês mostraram que acreditam em uma sociedade mais justa e mais fraterna...e nós estamos vivendo um retrocesso no Brasil. E vocês fizeram esse trabalho social de vocês aqui, é empoderamento é levantar a autoestima, se isso saísse na mídia...Parabéns, vocês são umas heroínas, são o futuro desse país, vocês que são a esperança de todos nós e de todas, vocês são humanas até demais, e não estão fazendo nenhum favor estão fazendo o papel de vocês enquanto cidadãos enquanto ser humanos”.

Deste modo, pode-se afirmar que os resultados obtidos foram alcançados e fortaleceram a intenção de estreitar, como disse Lourdes Barreto, as relações entre a academia e a zona.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de inicialmente realizar a escuta sem críticas e dialogar considerando não haver hierarquias entre saberes, resultou em uma construção de conhecimentos a partir de um olhar mais humanitário e pedagógico, voltado para o reconhecimento, valorização e luta pela visibilidade que mulheres prostitutas têm direito.

A reflexão sobre adotar uma nova práxis em relação ao fazer educação em ambientes não formais e mais ainda, onde o senso comum muitas vezes não enxerga um espaço educacional, faz com que o pedagogo entenda seu compromisso político e social, que o torna um profissional indispensável na busca de desmistificar pré-conceitos e tabus e ampliar o olhar humanizado para indivíduos que em muitos casos, vivem a margem da sociedade.

A relação entre a universidade e espaços não formais pode possibilitar a construção de saberes que se transformam em práticas tão significativas nem sempre percebidas e reconhecidas, apesar de demandadas por diferentes sujeitos sociais.

Faz-se necessário que o curso de Pedagogia e a Universidade como um todo enfatize a necessidade de concretamente buscar novos espaços de estágio, criando alternativas para que sejam visibilizados sujeitos (im)prováveis para o estudo científico.

Com o estágio no GEMPAC foi possível concluir que o pedagogo é capaz de construir práticas pedagógicas que valorizem o indivíduo e a história que este traz consigo, não só contribuindo com o conhecimento adquirido na academia, mas também obtendo para si um amplo leque de novas aprendizagens que irão servir de base para novas experiências.

Os objetivos foram amplamente contemplados, sendo possível realizar um projeto que buscou empoderar mulheres prostitutas enquanto trabalhadoras sexuais e evidenciar a educação não formal como via provável para tal proposta.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Política e Educação. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

MIRANDA, Joseval dos Reis. **O estágio supervisionado e a atuação de pedagogos em espaços não escolares.** 2009.

PISCITELLI, Adriana. Exploração Sexual, Trabalho Sexual: noções e limites. In: SILVA et al. **Feminilidades: corpos e sexualidades em debate**. Rio de Janeiro; Ed. UERJ, RJ, 2013.

SANTOS, Creusa Barbosa dos; MACHADO, Edina Fialho; ALBUQUERQUE, Jacirene Vasconcelos de. Estágio Supervisionado e Formação de Professores: trajetórias, avanços e desafios do curso de pedagogia da universidade do Estado do Pará. In: ALBUQUERQU et al. **O Estágio na Formação do Pedagogo**. Belém: EDUEPA, 2015.

UEPA. Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia. Belém:UEPA,2006.

SILVA, Luciana Codognoto da; PERES, Wiliam Siqueira. **Entre Maria Madalena e Gabriela Leite: diferentes modos de nomeação de mulheres na prostituição**. In: Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis, Florianópolis, V13, n 3, p. 203-221. Set-Dez. 2016.

SIMSON et al. **Visões singulares, conversas plurais**. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

UEPA. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Belém:UEPA,2006.